

## **Entre o virtual, o social e o emocional: relações online entre fãs da série de TV *Glee*<sup>1</sup>**

Paula Fernandes<sup>2</sup>

Henrique Moreira Mazetti<sup>3</sup>

Universidade Federal de Viçosa – Viçosa, Minas Gerais

### **Resumo**

Temáticas, artistas envolvidos, trilha sonora, autores, diretores, personagens, tramas e seus desfechos. Estes são alguns dos componentes que transformam produtos culturais contemporâneos em grandes sucessos que interferem na vida de seus consumidores de diversas formas. No presente artigo será destacada a forma como uma temática social de uma série de TV pode agir, modificar e até construir um cotidiano paralelo na vida dos fãs. No caso analisaremos o seriado americano já finalizado *Glee* e um grupo de fãs no aplicativo *WhatsApp*.

**Palavras-chave:** Fãs; *Glee*; Internet; *WhatsApp*; Redes.

### **1. Introdução**

“De uns anos pra cá, as séries, de fato, adquiriram uma legitimidade surpreendente. Enquanto nos anos 1980 criticava-se a invasão das ficções americanas [...], eles hoje seriam criticados por quase não lhes reservar espaço” (JOST. 2011, p.23). Pode-se afirmar, então, que o formato seriados dos shows de TV conquistou espaço na vida do espectador, criando assim um público cativo de tal formato. Então, vale questionar “o que atualmente sustenta essa relação do telespectador com a ficção televisual? Por que as séries gozam de tal popularidade? Suscitam uma tal adesão? De onde vem a paixão pelas séries?” (JOST. 2011, p.24). As temáticas, o ritmo, a interação com público podem ser alguns dos motivos para que a conexão com o público seja tão fiel e intensa. A relação dos fãs com este produto cultural mostra novas características dessa subcultura e a conexão entre os membros dos *fandoms* também vale investigação.

Ser fã de alguém ou de algum produto cultural faz com que novas visões a cerca de um assunto, por exemplo, sejam estabelecidas, compartilhadas e consolidadas. Com esse processo de construção de valores e de relações, inserido na cultura contemporânea midiaticizada, a pesquisa que aqui se apresenta traz a construção de laços entre a série americana de TV *Glee* e seus fãs, entre os próprios fãs e a consolidação de relações sociais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ – Área 5 – Rádio, TV e Internet, do Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em no curso de Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa – UFV, Minas Gerais. E-mail: paulafergc@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor na Universidade Federal de Viçosa – UFV, Minas Gerais. E-mail: mazetti@gmail.br

online para discussão. Tem como objetivo, então, refletir, pesquisar, entender e analisar os valores que conseguem estabelecer a partir deste produto cultural, e as relações que são construídas a partir do vínculo criado pela série.

*Glee* é uma série americana lançada em 2009 e finalizada em 2015. com seis temporadas. Segundo o site do canal Fox<sup>4</sup>, onde é transmitida oficialmente, “GLEE é uma comédia musical sobre um grupo de jovens ambiciosos e talentosos que escapam de sua dura realidade do ensino médio em um coral onde encontram força, aceitação e, principalmente, suas vozes”. Lançada em 19 de maio de 2009, a série gira em torno de um clube da *William McKinley High School* voltado para competições de corais e são chamados de “*glee club*”, daí o nome da série. As descrições de sites para downloads de séries definem *Glee* como uma série sobre “um grupo de desajustados ambiciosos tentam escapar das duras realidades do ensino médio por aderir a um clube de canto (coral), onde eles encontram força, aceitação e a sua voz, enquanto trabalham para perseguir seus próprios sonhos”. Assim, dois pontos unem os jovens que participam do clube: a música e as dificuldades sociais modernas, como exclusão, homossexualidade, gravidez na juventude, dúvidas escolares, problemas de relacionamento e, principalmente, bullying, de maneira geral.

A temática social e musical é o que diferencia e destaca a série. A proposta de aproximar do cotidiano, realidade ou projeção de vida – principalmente dos jovens, mas encaixa-se em situações mais de um grupo social do que de uma faixa etária –, além de ser um movimento de conquista de público, também traz a necessidade de evidenciar problemas sociais, de identidade, conflitos internos, dificuldades escolares, familiares e até mesmo vergonha, autenticidade e inserção em um determinado nicho. Assim, a escolha deste show e destes fãs para análise se deu pela possibilidade de exploração e percepção de três aspectos: significados que emergem dentro de uma comunidade de fãs e os laços construídos entre os fãs a partir da série. Para conseguir analisar tais aspectos, fora escolhido o grupo *Musiglee'k*<sup>5</sup>, no aplicativo *WhatsApp Messenger (WhatsApp)*<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> <http://www.foxplaybrasil.com.br/show/7350-glee>

<sup>5</sup> Pronuncia-se “musiglique”.

<sup>6</sup> De acordo com o site original (<http://www.whatsapp.com>), é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular, através dos números dos telefones, sem pagar por SMS (mensagem de texto convencional). Além das mensagens básicas, os usuários do *WhatsApp* podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio.

## 2. Virtual: sobre internet e a formação de redes

“A web representa um espaço de experimentação e inovação, onde os amadores testam o terreno, desenvolvem novas práticas, temas, e geram material que pode vir a atrair seguidores nos seus próprios termos” (JENKINS, 2006, p.148). A web é um espaço também de conexão, reunião e construção de conceitos, relações, significados e valores. Para compreender como estas relações são construídas e como são atribuídos significados e valores, bem como funcionam as dinâmicas de rede, é preciso conhecer as agrupações na rede desde sua criação até sua dinâmica interna.

De acordo com Recuero (2008), a comunidade é um grupo de pessoas que interage. Partindo desta definição ampla, já se pode considerar a reunião dos membros em torno de um produto comum como comunidade virtual<sup>7</sup>. Ainda concordando com a autora, a interação que ali acontece configura ainda uma estrutura específica de funcionamento, com conexões, conflitos e construções de significados.

A conversação dentro das comunidades virtuais também é um aspecto que merece atenção. Segundo Primo (2005), tal interação chama atenção para todo o trabalho de coordenação e cooperação que ocorre durante a convivência online e que muitos dilemas surgem a partir dela. Assim, o conteúdo necessário para estudo emerge justamente do compartilhamento de informações dentro das comunidades, e não somente da sua agrupação em torno de um produto cultural em comum.

Sobre o aplicativo (*Whatsapp*), apesar de ser mais uma forma de comunicação entre as pessoas, sendo um aplicativo disponível no celular/smartphone que simula uma troca de SMS (mensagens de texto comuns de celular), “não cria algo novo, mas se apoia no que já existe. É uma extensão das relações sociais dos jovens e é usado mais para compartilhar o cotidiano dos usuários do que informações midiáticas” (DOS REIS, 2013, p. 54). Porém é importante levar em consideração os hábitos, costumes e a cultura ali desenvolvidos. De acordo com a observação dos grupos, os fatores comuns preexistentes entre os integrantes são dois: a série e a vontade de conhecer novas pessoas. A partir da entrada no grupo, novos costumes vão surgindo, como formas de tratar os demais membros, como lidar com as brincadeiras internas e as próprias conexões entre eles. Assim, uma nova cultura surge e se estabelece, implicando tais hábitos aos integrantes.

---

<sup>7</sup> Segundo Recuero (2001), existem muitas críticas à ideia de comunidades virtuais. Alguns autores explicam seu posicionamento dizendo que as comunidades virtuais não são nada mais do que comunidades tradicionais mantidas através da Comunicação Mediada por Computador. A comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais.

O contato mediado pelo computador (ou qualquer aparelho tecnológico de comunicação) não impede a conexão próxima entre os usuários. O fato de ser uma presença não-física, com ressalta Raquel Recuero (2006), não é prejudicial para a “convivência” online dos membros de uma rede, nesse caso, de um grupo, uma vez que no universo do ciberespaço, elementos como reputação, confiança e visibilidade tornam-se importantíssimos para a interação, como bases de relações sociais e de redes sociais, através das quais alguém terá acesso a um determinado tipo capital social (BERTOLINI e BRAVO *apud* RECUERO, 2006), assim, somente características em comum na rede farão de tais relações fortes e significativas. O importante é que, mesmo com esse fator distanciador, os laços se sustentam na rede. De acordo com Primo (2006), “tal relacionamento apresenta reciprocidade (uma compreensão equivalente dos interagentes sobre a natureza e qualidade de seu relacionamento), intensidade e intimidade (a familiaridade entre eles)” (p. 5).

Durante o processo de aproximação e diálogos foi perceptível e evidente a validade das conexões construídas entre eles, tendo *Glee* como elo primário. A internet pode afastar as pessoas do contato pessoal, mas, ao mesmo tempo, as aproxima, uma vez que os extremos do Brasil estão ligados neste grupo, por exemplo.

Nas pontas destas interações mediadas por computador há identidades humanas latentes, que pensam, sonham, trabalham e têm contas para pagar. Os sujeitos têm um ambiente onde podem desenvolver todo o seu poder de imaginação, simulacro e dissimulação com as artimanhas das tecnologias e por isso este é um espaço fértil para pesquisa acerca do ser humano e duas potencialidades. (PIENIZ, 2009, p.11)

Ou seja, destacar as relações feitas por meio da série torna-se essencial para compreender este processo de conexão online entre os membros de um grupo. O fator comum entre eles, a aproximação, os assuntos discutidos em grupo, e até mesmo os conflitos mostram como acontecem, se desenvolvem e se mantêm relações sociais.

### **3. Sobre o grupo de análise e os resultados**

O grupo foi criado em janeiro de 2014 por um rapaz de 18 anos, morador da cidade de Perobal, PR<sup>8</sup>. Atualmente<sup>9</sup>, o *Musiglee'k* tem 37 membros e mantém conversas diárias. Um aspecto diferente e fundamental é como os membros do grupo são identificados. Para criar uma interação ainda mais próxima com a série, o fã administrador deste grupo atribuiu

---

<sup>8</sup> As idades e os locais onde moram são reais e de grande importância para esta pesquisa. A internet e a Comunicação Mediada por Computador trazem este diferencial para as relações nos grupos online: as faixas etárias são diversas e a localização geográfica não é um empecilho para sua interação (o que poderia ser considerando uma relação offline).

<sup>9</sup> Dados de junho de 2015.

a cada novo integrante um personagem da série<sup>10</sup>. É importante destacar este detalhe pois será desta forma que identificarei cada um dos membros ao longo do trabalho, uma vez que são na maioria menores de idade e com histórias pessoais que merecem ter a identidade real preservada. Os demais membros estão espalhados pelo Brasil, desde Mossoró, RN, até Garibaldi, RS.

No caso do *Musiglee'k*, Sebastian, criador do grupo, tinha como objetivo primeiro queria reunir fãs da série, no *WhatsApp*. Ter um contato mais próximo com cada um dos integrantes, já que o grupo é involuntariamente reduzida já pela própria capacidade de aplicativo. Ele explicou, em entrevista, que antes de criar seu próprio grupo entrou em outro parecido para ver como as pessoas se comportavam e o que conversavam naquela plataforma, só então começou o seu. Segundo Sebastian, “pensei em criar o meu próprio grupo pra poder expandir ainda mais a minha rede de amizades e consequentemente acumular mais amigos fãs de *Glee*”. Segundo Jenkins (2009),

Os consumidores não apenas assistem aos meios de comunicação; eles também compartilham entre si ao que assiste – seja usando uma camiseta proclamando sua paixão por determinado produto, postando mensagens numa lista de discussão, recomendando um produto a um amigo ou criando uma paródia de uma comercial que circula da Internet. (JENKINS, 2009, p.103)

No *Musiglee'k* as regras são estabelecidas pelo Sebastian mas também são monitoradas e sugeridas pelos membros mais antigos (chamados pelos próprios membros de *old cast*). Presam principalmente pela cordialidade e respeito entre os integrantes e pela participação efetiva nas conversas cotidianas do grupo e nas brincadeiras desenvolvidas. É perceptível que o princípio no qual o grupo se fundamenta é a interação. Com a devida cordialidade própria de uma convivência real, os membros devem se relacionar, criar conexões e permanecer trocando informações em grupo. Segundo o administrador do grupo, o importante é conhecer novas pessoas que gostem de *Glee*, e, a partir deste ponto em comum, desenvolver conversas, sejam em grupo, sejam paralelas. Interagir é o objetivo de criação de Sebastian. Este é o aspecto que faz com o que o *Musiglee'k* funcione e com que seja possível as análises provenientes dele.

---

<sup>10</sup> O personagem atribuído a cada membro não tem relação com características do integrante e eles não tem que se comportar de acordo com a série. Chamar uns aos outros pelos nomes dos personagens é só uma forma criativa e interessante que eles encontraram de se tratar nas conversas e dinâmicas.

### 3.1 Social: o que é importante no *Musiglee'k*?

Para conseguir definir e compreender os valores que envolvem os fãs e a série, além de observar e destacar o que de mais significantes emergiu no *Glee Brasil*, a aproximação com um subgrupo foi fundamental. Estar inserida não só neste grupo do Facebook mas também em uma comunidade menor fez com que o contato com cada integrantes fosse mais próximo e íntimo, podendo analisar o comportamento individual e em grupo destes fãs que se uniram por conta da série. Segundo Primo (2007),

Uma rede social online não se forma pela simples conexão de terminais. Trata-se de um processo emergente que mantém sua existência através de interações entre os envolvidos. (...) Uma rede social não pode ser explicada isolando-se suas partes ou por suas condições iniciais. Tampouco pode sua evolução ser prevista com exatidão. (PRIMO, 2007, p. 7-8)

O que une inicialmente os membros do *Musiglee'k* é o fato de serem fãs de *Glee*. Mais que um entretenimento, o programa também trouxe significados, valores e formações de opiniões específicas para os fãs. A partir da observação do grupo e das entrevistas privadas feitas com os integrantes selecionados é possível afirmar que a série é mais que um produto cultural a ser consumido como entretenimento, também motiva, incentiva e reafirma opiniões a respeito das temáticas desenvolvidas no show. Durante as conversas há discussões sobre vários assuntos, desde o programa que está passando na TV no momento da conversa até política. Para a avaliação dos valores que emergem, destaco, com base na observação constante, amizade (dentro e fora do grupo), amor e orientação sexual, e família como os assuntos mais discutidos na conversa coletiva e os que mais revelam as opiniões e posicionamentos dos membros. A respeito destes tópicos, estabeleci paralelos com as entrevistas individuais. Por meio de entrevistas individuais obtive as respostas que revelaram os resultados deste trabalho. Quando perguntados sobre “o que a série acrescentou na sua vida” e “o que você aprendeu com ela” as respostas refletiram o comportamento deles em grupo:

A série me ensinou muita coisa, na verdade. **A não julgar alguém só pela sua aparência ou pela imagem que você tem dessa pessoa, a não desistir de algo que eu realmente queira, a ser quem eu sou sempre, etc.** Mas acho que algo muito importante foram as amizades que conquistei. Amigos que hoje tenho pessoalmente e também virtualmente, até por causa do *Musiglee'k*, devo a *Glee* e ao amor que tenho pela série. – Cassandra, 16 anos

Graças a *Glee*, **eu aprendi a me aceitar como sou de fato**, sem me importar e me deixar levar pela opinião alheia, a seguir meus sonhos não importa o quão grande ou difíceis eles sejam, se eu os

seguir com "amor e dedicação", posso alcançá-los. Passa valores como a lealdade, como acreditar em seus sonhos, correr atrás de seus objetivos, ser você mesmo agradando ou não. Resumindo, **Glee me tornou alguém melhor**, a ponto de finalmente conseguir me identificar perante a uma sociedade que tanto rotula, e ainda assim, me sentir bem com isso – Becky, 18 anos

*Glee* representa muito **o valor da amizade verdadeira** e eu acho que isso é importante. **Ensina a dar mais valor pras pessoas, não ligar como você é pela sua aparência. Você é especial do jeito que você é.** – Kitty, 16 anos

Cassandra, Becky e Kitty ressaltam o fato de a série ultrapassar a barreira da imagem exterior e do prejulgamento por conta da aparência. A aceitação de si mesmo também pregada pela série e se reflete nos fãs. Tomam para a própria vida ensinamentos e condutas pessoais que funcionam para os personagens, conseguindo aplicar na própria vida.

Valores sociais também são destacados pelo grupo. Família, preconceito, aceitação do outro são ressaltados. *Glee* apresenta em seu enredo diversas situações sociais, envolvendo aspectos que estão presentes na vida cotidiana de muitos dos fãs. Ou seja, eles se veem representados naquelas histórias, utilizando dos desfechos como exemplo para seguir. Assim, é fica claro em depoimentos como o de Sebastian (abaixo), que os fãs aprendem a compreender e valorizar tais valores e ultrapassar as barreiras impostas pelas dificuldades sociais que os envolvam.

A série me ajudou acho que principalmente **a 'entender' mais as pessoas**. Parar, analisar e não fazer um pré julgamento antes de conhecer os verdadeiros motivos que levaram alguém a fazer algo ou a ser de determinada maneira. Com isso também me ajudou a apreciar e respeitar os menores momentos, as coisas mais simples e que geralmente passam despercebidas, como uma simples música, ou uma conversa qualquer com um amigo. Isso com certeza **me desenvolveu bastante como pessoa**. – Sebastian, 18 anos

*Glee* é, então, enxergada como uma ajuda na compreensão da situação social em que o fã está inserido. “Entender' mais as pessoas” é um exemplo de que a série faz com que o fã tenha mais tolerância ao diferente e busque ultrapassar a barreira do superficial. Ou seja, os fãs constroem a ideia de que o outro pode ser mais do que aparenta ser e de que vale a pena conhecer, de fato, as pessoas com as quais convive. O *fandom* considera, então, que, por apresentar e fomentar os valores aqui destacados os “melhoram” como pessoa.

É notável que *Glee* acrescenta na vida desses fãs conceitos básicos e fundamentais na vida moderna. Lidar com a diversidade de sexual, problemas em família, amizades e amores, assim como é discutido nas temáticas desenvolvidas na série. Ou seja, os fãs

conseguem enxergar situações da própria vida no programa e assim aplicar os valores nele discutido à sua realidade. Superação e inspiração também são pontos importantes que se fixam nos *gleeks*. A série tem como pilares esses aspectos e desenvolve suas histórias mostrando o desenrolar dos personagens fazendo com os fãs se espelhem no enredo e motivem suas próprias vidas. Pode-se afirmar, então, que estas pessoas, que assistem ao programa, desenvolvem noções de respeito, convivência, consciência sobre o outro e autoconfiança, que são refletidas nas conversas em grupo.

### 3.2 Emocional: mais que fãs, amigos virtuais

O *Musiglee'k* é um exemplo dos laços sociais<sup>11</sup> que o meio online pode criar. Por ultrapassar barreiras físicas e tornar irrelevante a distância entre os indivíduos, a web facilita o contato entre as pessoas e o ambiente virtual passou a ser utilizado como ponto para encontrá-las em qualquer parte do mundo, fazendo da internet um grande espaço de socialização o qual usuários se agregam em torno dos mais diversos interesses (PRIMO, 2009). Essa socialização, no caso do grupo, é estabelecida por laços fortes, já que são mantidos com base em contato íntimo, próximo e constante (RECUERO, 2008). Sebastian conta que esse sempre foi seu objetivo: criar vínculos com outras pessoas, por intermédio da série. Segundo ele, “as pessoas (a maioria pelo menos) entraram no grupo com a mesma intenção que eu: a de criar novas amizades, independentemente de raça, sexo, religião, localização e etc. Realmente consegui criar uma afinidade boa com todos que estão e que já passaram por lá e isso é incrível” (sic).

O contato próximo entre os membros faz com eles criem o hábito da convivência online. Diferente de um grupo com grande quantidade de integrantes, no *Musiglee'k* os assuntos discutidos não são necessariamente ligados a série. Surgem tópicos cotidianos, como os de uma conversa entre amigos: “como foi seu dia?”, “o que está fazendo agora?”, “sabe aquele amigo/acontecimento que comentei outro dia?”, “conseguiu resolver aquele problema?”.

Os membros que estão há mais tempo no grupo ou que conseguiram estabelecer contato mais próximo com outros<sup>12</sup> se tratam como se fossem amigos há tempos ou até como melhores que os reais. O administrador do grupo se orgulha em contar o que sente em

---

<sup>11</sup> Recuero (2008) trabalha a ideia de que o conceito de Laço Social passa pela ideia de interação social, sendo denominado laço relacional, em contraposição ao laço associativo, aquele relacionado unicamente ao pertence (a algum lugar, por exemplo). Podem ser fracos ou fortes: fracos quando as trocas de informações são rasas e fortes quando a proximidade e intimidade entre os indivíduos que compõem o laço.

<sup>12</sup> As causas para aproximação dos membros são diversas. Entre as principais estão interesses em comum (artistas, estilos musicais, outras séries e demais produtos culturais) e proximidade de cidades.



relação ao que criou a partir do *Musiglee'k*: “Hoje, com quase seis meses de grupo<sup>13</sup>, 'convivendo' com essas pessoas diariamente, elas passaram a representar muito pra mim. O fato de eu ser administrador do grupo, de ter 'unido' muitas delas, ver elas interagindo entre si, criando novas amizades a partir de um grupo que eu criei com certeza é muito satisfatório. Não consigo mais me imaginar sem ser amigo de muitos deles, até mesmo fora do grupo se por ventura ele vir a acabar. É uma amizade/afinidade que vai além” (sic).

Alguns aspectos impediriam que estes indivíduos se relacionassem em condições diferentes de contato. A primeira dela é a localização geográfica de cada um deles. Dentre os entrevistados há pessoas residentes nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Alagoas, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte. Ou seja, fisicamente seria improvável que tais pessoas se conhecessem somente por um encontro ao vivo. O contato online entre eles mostra que a falta da presença física não é uma limitação para a aproximação das pessoas. Pelo contrário, alguns dos membros entrevistados afirmam que amizades virtuais são mais “verdadeiras” e “duradouras” que as reais porque, segundo eles, a internet permite que “você seja você mesmo, sem julgamentos”. Segundo Recuero (2009), a conversação mediada (no caso, pelo *WhatsApp*) proporciona este distanciamento físico mas, muitas vezes (como o *Musiglee'k*), acaba funcionando como um tipo de comunicação semelhante à face-a-face. Uma vez que o contato entre os membros é cotidiano, os laços são fortes e intensificados cada vez mais, a internet funciona como aliada na eliminação de distâncias geográficas, transformando a web em um território comum, independente de onde as pessoas realmente residem.

Outro aspecto ressaltado pelos integrantes do grupo é a inicial incompatibilidade de assuntos em comum. Quando perguntados se possivelmente conversariam, mesmo que online, com os membros do *Musiglee'k* em uma situação espontânea, ou seja, sem um fator comum explícito (ao contrário da proposta do grupo) as respostas levaram a análise de que se não fosse pelo consumo de um mesmo produto cultural (*Glee*) não se conheceriam. Durante as entrevistas, o afeto com outros membros ficou claro e em alguns momentos os próprios entrevistados agradeciam à série por ter “apresentado” a eles as pessoas com as quais criaram laços:

Ao começar a assistir a série, me aproximei de pessoas que nem imaginaria ter me aproximado e que hoje são meus amigos. **A amizade começou por causa desse assunto em comum.** Meio clichê dizer isso mas é verdade. Me apeguei à maioria das pessoas e não me arrependo de ter conhecido o *Musiglee'k* nem por um

<sup>13</sup> A entrevista com Sebastian foi realizada em setembro de 2014.

segundo. **Acho que se não fosse pela série não teria conhecido o grupo, pois não me interessaria pela mesma. Então, não as teria conhecido. Também por isso sou grata a *Glee* e a tudo que trouxe na minha vida.** – Cassandra, Santos (SP)

Tratar os integrantes como amigos, até como família, como acontece constantemente nas conversas em grupo, faz com o conceito de amizade virtual seja questionado também. Primo (2007) coloca em questão a trivialização da “amizade” pelo meio online. Segundo o autor, compartilhar dados em uma rede social ou aplicativo online, como o Facebook ou *WhatsApp* no caso, ou seja, a apresentação pública de seu perfil, não faz com que haja “um relacionamento íntimo real entre o 'eu' e os 'outros’” (PRIMO, 2007, p. 13). A quantidade reduzida de pessoas se relacionando em grupo do *WhatsApp* faz com eles se reconheçam, gravem nomes e características, o que os condiciona, segundo eles mesmos, a uma aproximação real. Para discutir esse conceito, os questionei sobre “amizade virtual” e as respostas apontaram análises que confirmam o que Primo afirma. Porém, revela que o contato pela internet através das redes sociais ou aplicativos são só o primeiro momento com aquelas outras pessoas. Os relacionamentos se aprofundam com o passar da convivência virtual e se consolidam como amizades “reais”, partindo do ponto de que o contato face-a-face concretiza de maneira mais forte um relacionamento. De acordo com as respostas, há sim um receio quanto a relações virtuais porém é rompido com o passar do tempo e do compartilhamento de informações:

Há a consciência de que o envolvimento virtual tem suas limitações e até perigos. Porém, estes problemas são superados, se não ignorados, em detrimento dos benefícios conquistados. A facilidade de contato e o fato de encontrar características em comum por meio das redes sócias fazem com que os membros confiem e procurem na internet novas amizades.

Agora eu valorizo demais as amizades virtuais, e acho que funciona sim. **Mesmo à distância, acaba-se criando um vínculo, até porque as tecnologias atuais possibilitam isso.** Uma amizade virtual é diferente de uma amizade comum. Por isso é interessante o modo como uma amizade virtual pode se tornar tão importante quanto uma comum. Sou muito grata aos amigos virtuais que tenho atualmente. – Cassandra, Santos (SP)

Acho que meus melhores amigos nesse momento são virtuais. **E acho horrível porque muitas vezes acabo ficando triste e não posso nem ao menos dar um abraço em muitas das pessoas que eu gostaria.** Mas [amizades virtuais] são possíveis! Confio mais em alguns deles do que nos que tenho aqui. – Lord Tubbington, Canoas (RS)

A dualidade acerca da web é bem pontuada e defendida por meio dos comentários de Cassandra e Lord Tubbington. Entre a web afastar as pessoas, uma vez que as priva do contato físico, e reduzir distâncias, já que consegue conectar indivíduos em localidades geográficas que impossibilitam o encontro face-a-face, pode-se afirmar, então, que em suma aproxima os membros de uma rede. O aspecto negativo é a criação do laço forte e o fato de não poder ter o contato físico. Ou seja, a amizade na internet segue o caminho inverso das experimentadas offline: primeiro acontece a conexão entre os indivíduos e depois surge a vontade do encontro real. As tecnologias, então, são facilitadoras e permitem que pessoas que provavelmente não se conheceriam, criem laços e os perpetuem.

Os laços criados entre ele se expandem e intensificam, a ponto de alguns até terem se encontrado pessoalmente. A reunião dessas pessoas por meio de um produto cultural comum fez com que compartilhassem conteúdos sobre a série mas também de suas vidas, sendo *Glee* a ponte para novas conexões entre os fãs.

A forma como os membros conheceram o *Musiglee'k* também revela o caráter conector de um produto cultural. Sebastian conta que assim que fez a publicação no *Glee Brasil* contando da criação do grupo apareceram muitos interessados: “Criei o *Musiglee'k* (que quase foi '*Songlee'k*'), postei no *Glee Brasil*<sup>14</sup> que havia criado um grupo novo, onde teriam desafios, e coisas relacionadas a música. Logo choveu de comentários de pessoas pedindo para entrar. Algumas dessas pessoas estão no grupo até hoje”. Os entrevistados contaram como conheceram o grupo e o que o fez querer entrar e permanecer. Analisando as respostas e o comportamento do *Musiglee'k* é possível afirmar que o entrosamento entre os membros, seja por conta das brincadeiras que acontecem com frequência seja pela consolidação do grupo, é o que faz com que os que ali estão não queiram sair.

Apesar da exaltação da amizade, do tratamento familiar entre os integrantes do *Musiglee'k*, também há conflitos. Convivendo, mesmo que online, surgem assuntos controversos, uma vez que os membros não conversam somente sobre a série, o que gera opiniões divergentes. Porém, pela observação do grupo, o fator que fomenta as maiores movimentações com relação a conflito é a entrada de novos membros. Mesmo com o princípio de conhecer novas pessoas, construir novas amizades, expandir a quantidade de amigos *gleeks*, a interferência de novas pessoa no grupo que já está sedimentado atrapalha a dinâmica interna. Com discursos como “nós já somos uma família”, “tenho ciúmes de novas pessoas no grupo”, “eles não entendem como funcionamos e acabam atrapalhando”,

---

<sup>14</sup> Ver FERNANDES, Paula. *Loser like me: a influência da série de TV Glee e o grupo “Glee Brasil”*. Intercom – XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UVV – Vila Velha/ES. 2014.

os membros antigos tem a tendência a aceitar novas pessoas na dinâmica. A entrada de membros não é frequente, pois os que já pertencem ao *Musiglee'k* não saem, não dando lugar a novos integrantes. É o que explica a falta de interesse em novas pessoas constantemente. O grupo é unido e não se fragmenta com frequência, portanto se consolidam da forma como estão. Novos membros são aceitos e englobados na dinâmica aos poucos, desde que demonstrem interesse em conhecê-los. Com base na minha própria entrada no grupo é possível afirmar que é confusa, por eles já se conhecerem e terem seu comportamento específico. Porém, da mesma forma como me adaptei à dinâmica, outros membros também o fizeram e conseguem construir os laços, demonstrar a vontade de permanecer no *Musiglee'k* e até se orgulhar de pertencer a ele.

A facilidade proporcionada pela internet para socializar com pessoas geograficamente distantes faz com que as pessoas procurem por outras nas redes sociais e em aplicativos online (PRIMO, 2007 e RECUERO, 2008). Além disso, querer compartilhar interesses em comum também atrai os usuários de tais redes. Em uma conversa em grupo, Sebastian comentou o quão importante o grupo é para ele, o que sintetiza um sentimento comum aos membros: “Mas tudo se resume em uma só palavra... Ou em várias, na verdade: eu amo vocês pra c\*\*\*\*\*! Criar esse grupo foi a melhor decisão que eu tive, ele literalmente mudou a minha vida! Muito obrigado por tudo, cada um aqui tem um significado muito especial pra mim! Sério!”.

### **Considerações finais**

Produtos culturais exercem influência direta na vida de seus consumidores. Os fãs absorvem conselhos e ensinamentos mostrados no programa e acabam por espelhar suas experiências pessoais no que acontece na série. Essa conclusão foi tirada pelos depoimentos dos membros do *Musiglee'k*. Durante a observação das conversas em grupo e nas entrevistas individuais, discursos como “depois que vi *Glee* mudei” revelam o poder que o programa tem de influenciar e determinar (ou pelo menos apoiar ou reforçar) o comportamento particular dos fãs. Pelo conteúdo da série se aproximar do cotidiano dos jovens e do que planejam para o futuro, os fãs (que, em sua maioria, estão na faixa etária representada no programa) se sentem representados e compreendidos, assim conseguem tomar pra si os desfechos das histórias e as lições morais e éticas apresentadas.

Observando o grupo é possível afirmar que ter um produto cultural de gosto comum deixa de ser somente uma característica semelhante para ser um pretexto para a conexão entre pessoas virtualmente. Mais que compartilhar informações sobre a série, no caso, os fãs começam a procurar dentro do *fandom* por contatos mais próximos e até íntimos. Os laços superficiais (fracos) se transformam em fortes, transcendendo as redes sociais. O que foi observado na pesquisa é que o Facebook já não apresenta a característica de conectar indivíduos de maneira mais profundo, ou seja, mais intimista. Os laços ali criados não mostram força para ultrapassar as barreiras do *fandom*. Em outras palavras, o vínculo entre os membros de um grupo permanecem somente na dimensão de ser uma rede de compartilhamento de informações sobre um produto cultural. Porém, no aplicativo *WhatsApp* a situação se apresenta de maneira diferente. Em contato com o *Musiglee'k* foi possível notar que a relação entre os membros ultrapassa os limites de ser fã de *Glee* indo para a dimensão de amigos, e até família. O gosto pela série é somente o ponto de partida para o contato desses indivíduos, que acabam por descobrir outros aspectos em comum, fazendo com o laço se fortaleça.

A diminuição, e até eliminação, de distâncias também faz do contato pela internet uma facilidade para estes fãs. O fato de não encontrar com que compartilhar sua admiração pelo produto cultural em questão faz com que procurem por outros fãs na rede, justamente pela facilidade de acesso. Porém o processo de fortalecimento de laços criados se revela mais do que ter alguém para dividir o carinho pela série. As relações online começam a adquirir características de conexões offline, com a possibilidade de até substituir o contato “ao vivo”. O poder revelar ao outro somente o que deseja que seja atribuído ao seu perfil garante ao usuário da rede (ou do aplicativo) a segurança do distanciamento físico e conseguir se conectar com outras pessoas que também apresentem as mesmas características. A dualidade entre eliminar a distância e, ao mesmo tempo, garantir a proteção da localização geográfica mostra que a web interfere na vida dos seus usuários a ponto de que fiquem satisfeitos com uma mesma característica que atue em pontos diferentes: aproximar e garantir a blindagem do contato não-físico, no sentido do usuário ter controle do que é revelado ao outro.

Com base na convivência com o *Musiglee'k* é possível afirmar que os vínculos virtuais já ocupam um espaço grande e quase majoritário na vida dos membros. O caráter de família que atribuído pelos mesmos aos outros integrantes do grupo mostra que as relações virtuais estão se fortalecendo em um ritmo consideravelmente rápido. Ou seja, da

maneira como as relações sociais virtuais estão se desenvolvendo e consolidando já estão se legitimando como formas verdadeiras de conexões entre as pessoas. Os laços criados no meio online conseguem se apresentar de maneira estável e forte, elevando as reações virtuais a um parâmetro de convivência e de características próximo ao das offline. Os usuários da rede transportam para o virtual o que não conseguem projetar nas relações “reais”. A internet possibilita, então, a conexão entre indivíduos que provavelmente não se conheceriam se o contato fosse físico, pela diminuição de distâncias, pelo compartilhamento de conteúdos de interesse comum e pelo refúgio encontrado no “anonimato” que pode ser mantido na web.

As segmentações dos *fandoms* em grupos, seja no Facebook (ou em outra rede social) seja em aplicativos multifuncionais, mostra que os fãs já não se unem somente pelo gosto pelo produto cultural. Os valores, significados atribuídos, pensamentos, desejos e demais características que possam se revelar comuns a um grupo de pessoas (fãs) os reúnem, transformando o compartilhamento de informações sobre a série (ou seja qual for o produto de admiração) em uma partilha de sentimentos. Assim, pelo que foi observado nos grupos, principalmente no *Musiglee'k*, as comunidades de fãs começam a se modificar e acrescentar às suas características a de comunidade de sentido. Tal característica consegue até superar o de ser um agrupamento de fãs de determinado objeto cultural.

Os fãs são uma parcela da sociedade que cada vez mais conquista espaço e se mostra importante no contexto cultural. Suas manifestações, seu comportamento e os desdobramentos oriundos do fato de ser fã de algo já interferem nas dinâmicas em rede e na formação de novos agrupamentos, o que merece ser observado tanto pela indústria comercial do entretenimento quanto pelos estudiosos acadêmicos da área.

### Referências bibliográficas

AMARAL, A. Autonetnografia e inserção online – O papel do “pesquisador-insider” nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. **Revista Fronteiras** – Estudos Midiáticos (Revista Unisinos). Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5037>>. Acessado em: jul. 2014.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked: a nova ciência dos networks** – Como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências. São Paulo: Leopardo, 2012.

CAMPANELLA, B R. **Perspectivas do Cotidiano: um estudo sobre os fãs do programa Big Brother Brasil**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – 2010.

CARLOS, C S. **Em tempo real** – Lost, 24 Horas, Sex and the City e o Impacto das Novas Séries de TV. São Paulo: Alameda, 2006.

CURI, P. A TV deles: fãs brasileiros assistindo à programação norte-americana. **Revista Comunicação**. n.10, v. 1, 2012.

FRAGOSO, S; AMARAL, A; RECUERO, R. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

JOST, F. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1999.

MONTEIRO, T J L. **As práticas do fã: identidade, consumo e produção midiática**. Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – 2007.

NATAL, G; VIANA, L. Cultura do hobby: a condição do fã como produtor e colecionador de conteúdo. II Simpósio ABCíber, PUC/SP, 2008. **Anais eletrônicos...** São Paulo: PUC. Disponível em <<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Georgia%20Natal%20e%20Lucina%20Reitenbach%20Viana.pdf>>. Acessado em jul. 2014.

PRIMO, A. A busca por fama na web: reputação e narcisismo na grande mídia, em blogs e no Twitter. Intercom – XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba/ PR, 2009. **Anais eletrônicos...** Paraná: Universidade Positivo. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/fama.pdf>>. Acessado em: jul. 2014.

\_\_\_\_\_. Conflito e cooperação em interações mediadas por computador. **Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura**, v. 3, n. 1, 2005.

\_\_\_\_\_. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. Intercom – XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, Brasília, 2006. **Anais eletrônicos...** Brasília: UnB. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1916-1.pdf>>. Acessado em: jul. 2014.

RECUERO, R. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. **Ecompós**, v. 4, 2005.

\_\_\_\_\_. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Famecos**, n.38, 2009.

\_\_\_\_\_. **Mapeando redes sociais na Internet através da conversação mediada pelo computador**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

REIS, B. **Você tem WhatsApp?: um estudo sobre a apropriação do aplicativo de celular por jovens universitários de Brasília**. Disponível em <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7590/1/2013\\_BrunaSthefanySouzadosReis.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7590/1/2013_BrunaSthefanySouzadosReis.pdf)>. Acessado em: out. 2014.